



OS ESTUDOS MORFOLÓGICOS NO BRASIL E O IV CBM UMA APRESENTAÇÃO¹

THE MORPHOLOGICAL STUDIES IN BRAZIL
AND THE IV CBM: AN INTRODUCTION

Cristina Figueiredo²

Universidade Federal da Bahia/CNPq

Juliana Ludwig Gayer³

Universidade Federal da Bahia

Este volume da *Revista Estudos Linguísticos e Literários* é dedicado a trabalhos que foram apresentados e discutidos durante o IV CBM (Colóquio Brasileiro de Morfologia), organizado pelos professores Cristina Figueiredo, Danniell Carvalho, João Paulo Cyrino e Juliana Ludwig Gayer. Este texto introdutório, está assim organizado: em um primeiro momento, na seção 1, apresentamos algumas das pesquisas morfológicas realizadas atualmente no Brasil, a fim de verificar sua representatividade no evento; na seção 2, fazemos um breve relato do IV CBM; e, na seção 3, listamos os textos contemplados neste volume.

¹ Este trabalho teve apoio do CNPq (Processo 165204/2017-6).

² Endereço eletrônico: macrisfig@uol.com.br.

³ Endereço eletrônico: julianaludwig@yahoo.com.br.

1 SOBRE PESQUISAS MORFOLÓGICAS REALIZADAS NO BRASIL

Uma obra de referência para os estudos em Morfologia no Brasil é *Estrutura da Língua Portuguesa* de Mattoso Câmara, publicado em 1970 e reeditado inúmeras vezes. Baseado no Estruturalismo e seguindo seus pressupostos metodológicos, o autor faz uma descrição minuciosa da estrutura nominal e verbal do português, revisitada por muitos pesquisadores e gramáticos. De sua descrição e proposição de conceitos significativos para a pesquisa, originaram-se diversos manuais de Morfologia utilizados na formação do professor de língua portuguesa nas universidades brasileiras até hoje, além de compor a base de muitas pesquisas que adotam outros modelos teóricos.

Seguindo os princípios estruturalistas, têm-se desenvolvido pesquisas morfológicas no âmbito da Linguística Histórica que se voltam para questões etimológicas, envolvendo a origem e a evolução das palavras, os processos de mudança morfológica e morfofonológica relacionados a afixos ou a palavras. Descrevem-se os fenômenos morfológicos em sincronias distintas, registrando estágios anteriores do português. Além disso, verificam-se estudos que realizam a comparação de sincronias mais recuadas no tempo com a sincronia atual, descrevendo e/ou explicando à luz de modelos teóricos as semelhanças e diferenças nos processos morfológicos ao longo do tempo. O grupo Morfologia e Lexicologia Históricas⁴, coordenado pela Profa. Dra. Juliana Soledade, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e o Grupo de Morfologia Histórica do Português, coordenado pelo Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro, da Universidade de São Paulo (USP), têm produzido um grande número de pesquisas nessa área.

Quanto aos estudos morfológicos de cunho gerativista, são pioneiras as professoras Margarida Basílio e Míriam Lemle, hoje aposentadas, mas atuantes na pesquisa. Essas professoras foram responsáveis pela formação de diversos pesquisadores em Morfologia e em Morfologia e suas interfaces, que atuam em diferentes instituições brasileiras, coordenando ou participando de grupos de pesquisa relevantes para a pesquisa morfológica no Brasil.

Ainda no âmbito da Teoria Gerativa, podemos citar o GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída), coordenado pela Profa. Dra. Ana Paula Scher, cujo trabalho realizado ao longo de seus 15 anos de existência preparou professores pesquisadores que hoje se encontram alocados em universidades de diferentes regiões do país, difundindo os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), um modelo não lexicalista que adota a ideia de que as informações antes armazenadas no léxico, conforme teorias lexicalistas, estão distribuídas em três listas de acordo com as informações nelas contidas: sintática, fonológica e semântica/pragmática. A Morfologia Distribuída (MD) caracteriza-se ainda por assumir que as palavras são formadas

⁴ Um subprograma do PROHPOR - Programa para a história do português.

no componente sintático da mesma forma que as sentenças e que raízes são acategoriais.

Os estudos realizados de acordo com esse modelo têm buscado explicar os fenômenos morfológicos e sua interface com a fonologia, a sintaxe e a semântica, considerando a morfologia concatenativa, processos de formação de palavras a partir da junção de elementos mórficos (segmentos fonológicos) a uma base, por exemplo, a derivação sufixal, prefixal e parassintética, e a não concatenativa, processos de formação de palavras, em que, de acordo com Nóbrega e Minussi (2015, p. 160), não ocorre a anexação de segmentos fonológicos na borda de uma determinada base. São exemplos de processos não concatenativos: reduplicação, hipocorização, truncamento, *blend* e siglagem. Além disso, têm-se desenvolvido no âmbito da MD estudos que buscam explicar o processamento, bem como a mudança linguística.

O NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português), coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves, da UFRJ, é um grupo bastante produtivo na realização de pesquisas morfológicas e tem representantes em diversas universidades brasileiras. As pesquisas realizadas no grupo se fundamentam nos pressupostos da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2010) e dedicam-se aos estudos da morfologia concatenativa e não-concatenativa. As investigações realizadas seguindo os pressupostos desse modelo, de acordo com Gonçalves e Almeida (2014, p. 174), possibilitam “tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase”. Têm sido bastante produtivas, no NEMP e no grupo Morfologia e Lexicologia Históricas, pesquisas que buscam explicar as mudanças morfofonológicas de acordo com esse modelo.

Na interface fonologia e morfologia, tem sido fecunda a pesquisa no âmbito da Teoria da Otimidade (MCCARTHY; PRINCE, 1993; PRINCE; SMOLENSKY, 1993/2004), desenvolvida principalmente pelo grupo de pesquisa Círculo Linguístico: Fonologia e Morfologia, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt, na UFRGS. De acordo com essa teoria, a gramática de uma língua é constituída de restrições universais e violáveis, as quais são ranqueadas de forma diferente de língua para língua. A Teoria da Otimidade (TO) dá conta da análise dos mais variados tipos de fenômenos e considera todos os níveis da gramática, incluindo mecanismos de explicação de aquisição da linguagem.

As pesquisas realizadas nesse grupo ainda adotam outras teorias recentes para dar conta dos fenômenos nos níveis fonológico, morfológico e suas interfaces. O grupo também se interessa por questões relacionadas à variação morfofonológica. Ainda na interface fonologia e morfologia, outros trabalhos são desenvolvidos, por exemplo: na UFRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Andrew Nevins, na UFMG, sob orientação do Prof. Dr. Seung Hwa Lee.

Têm-se desenvolvido bastante rapidamente, nos últimos anos, as pesquisas de cunho experimental, envolvendo os processos de aquisição e processamento de aspectos morfológicos e lexicais. São grupos de estudos responsáveis pela formação de pesquisadores da área: o LAPEX – Laboratório de Psicolinguística Experimental –, coordenado pelo Prof. Dr. Marcus Maia, na UFRJ; LAPROL – Laboratório de Processamento Linguístico –, coordenado pelo Prof. Dr. Marcio Leitão, alocado na UFPB; o ACESIN – Laboratório de Acesso Sintático –, coordenado pela Profa. Dra. Anieli Improta França, na UFRJ; o NEALP – Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística –, coordenado pela Profa. Dra. Cristina Name, na UFJF.

Um grupo relativamente recente, Interfaces Linguísticas, um dos grupos realizadores do IV CBM, coordenado pela Profa. Dra. Juliana Ludwig Gayer e constituído por pesquisadores de fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, na UFBA, tem desenvolvido pesquisas na interface fonologia, morfologia, sintaxe e semântica lexical.

Chamamos a atenção para os estudos morfológicos sobre LIBRAS, que, embora iniciais, têm se destacado pela sua relevância não só linguística, mas também social, devido ao seu aspecto inclusivo. Tais estudos têm se concentrado em descrever os morfemas sinalizados, bem como as operações de flexão, denominadas por Xavier e Neves (2016, p. 14) “como modificação de sinais, por desempenhar papel semelhante à flexão nas línguas orais, dado que consiste na modificação da forma de sinais para agregar-lhes informação gramatical”, e processos de formação de palavras/sinais, “por justaposição de sinais já existentes e pela alteração de um dos parâmetros do sinal primitivo (em geral, o movimento) ou através da fusão de partes de outros sinais” (XAVIER; NEVES, 2016, p. 14).

Finalmente, um tema de bastante relevância linguística, pela contribuição que pode dar para o conhecimento das estruturas do português brasileiro, e social, também pela inclusão, é o da morfologia nas línguas indígenas. Destacam-se as pesquisas morfológicas e fonológicas realizadas e orientadas pela Profa. Dra. Filomena Sândalo (UNICAMP) sobre as línguas indígenas Kadiwéu e Guaikurú; as pesquisas da Profa. Dra. Beatriz Protti Christino (UFRJ) sobre Kaxinawá; e as desenvolvidas no Núcleo de Tipologia Linguística (NTL), coordenado pelos professores doutores Aline da Cruz (UFG) e Dionei Moreira Gomes (UnB).

Tendo em vista o cenário diversificado nos estudos morfológicos no Brasil, objetivou-se, na idealização do IV CBM, que houvesse o compartilhamento desses temas e teorias, enriquecendo o evento. Como se vê na seção seguinte, alcançamos parcialmente o objetivo proposto.

2 O IV COLÓQUIO BRASILEIRO DE MORFOLOGIA

O Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM), que acontece a cada dois anos desde 2011, surgiu da iniciativa de dois pesquisadores, Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt (UFRGS) e Profa. Dra. Ana Paula Scher (USP), que juntamente com Emanuel Souza de Quadros (UFRGS), Guilherme Duarte Garcia (UFRGS) e Rafael Minussi (USP), organizaram a primeira edição em maio de 2011, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O evento foi idealizado com a pretensão de divulgar e discutir as pesquisas realizadas no Brasil relacionadas aos aspectos morfológicos das línguas naturais e sua interface com outros níveis de estruturação: sintaxe, semântica, fonologia.

Desde então, todas as edições do evento têm cumprido esse ideal e têm acolhido pesquisadores de diversas regiões brasileiras e de diversas abordagens teóricas, tais como formalista, funcionalista, cognitivista, histórica e psicolinguística. A fim de priorizar a discussão e de contribuir para o desenvolvimento das pesquisas, a apresentação dos trabalhos é organizada em seção única, buscando garantir a reunião de todos os participantes. As edições seguintes ocorreram em 2013 e 2015, respectivamente na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade de São Paulo⁵.

O IV Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM) foi realizado de 5 a 7 de março de 2018, na Universidade Federal da Bahia, por iniciativa de dois grupos de pesquisas: Interfaces Linguísticas e Grupo Phina. O evento foi coordenado pelos professores doutores Cristina Figueiredo, Danniell da Silva Carvalho, João Paulo Lazzarini Cyrino e Juliana Ludwig Gayer. Participaram ainda da comissão organizadora os discentes Carla Elisa Ferreira dos Santos, Daniela Almeida Alves, Raisia Reis dos Santos, Nival Simões Neto, Karem Evelyn Nogueira Bacelar e Amanda Quiroga Leão.

O IV CBM teve como principal objetivo reunir pesquisadores em morfologia e nas interfaces entre morfologia e outros níveis de análise linguística, como fonologia, sintaxe, semântica e pragmática, de diversas regiões do país. Tendo em vista esse objetivo, foram convidados pesquisadores representativos de diversas regiões e que trabalham em diferentes perspectivas teóricas: Aldir Santos de Paula (UFAL), Ana Paula Scher (USP), Andrew Nevins (UFRJ), Antônia Vieira (UFBA), Juliana Soledade (UNB), Luiz Carlos Schwindt (UFRGS/CNPq), Mário Viaro (USP/CNPq) e Seung Hwa Lee (UFMG).

O evento reuniu pesquisadores em todos os níveis acadêmicos (professores universitários, estudantes de pós-graduação e de graduação) na área de morfologia e suas interfaces, contemplando diferentes regiões do país (UFRJ, USP, UFMG, UFJF, UNIR, UNICAMP, UFPR, UFPE, UFAL, UNIFESP, UFBA, UFC, UNB, UFVJM, UFRGS) e tratou de diversas abordagens teóricas, como:

⁵ Para conhecer o histórico do evento, ver Scher; Bassani; Armelin (2018).

Gerativismo, Cognitivismo, Linguística Histórica, Sociolinguística, entre outras. Além disso, foram discutidos aspectos linguísticos de diversas línguas, tal como português, italiano, LIBRAS e algumas línguas indígenas, contemplando a diversidade já apontada no objetivo. Essa pluralidade favoreceu a troca e a expansão de conhecimentos e experiências, fundamental quando se considera a necessidade de inovação. O contato entre os pesquisadores de diferentes regiões do país favoreceu ainda a criação de projetos interinstitucionais, tendo em vista os objetivos em comum, auxiliando a sedimentação dessa área de investigação no Brasil.

Além de pesquisadores da área, o evento atraiu, como ouvintes, professores do Ensino Médio e Fundamental, que participaram com questões relevantes sobre como os resultados apresentados poderiam ser aplicados na educação básica. As discussões contribuíram não só para a reflexão dos docentes sobre a sua prática em sala de aula, a partir de uma comparação dos resultados apresentados e das descrições morfológicas veiculadas nos materiais didáticos utilizados, bem como para os professores-pesquisadores sobre a sua prática na formação dos futuros professores e sobre a necessidade de se estabelecer uma relação entre os saberes acadêmicos e a prática em sala de aula.

Nessa perspectiva, considera-se que o evento contemplou a discussão desejada e reuniu trabalhos de temas variados e de elevada qualidade nessa grande área do conhecimento e proporcionou o estímulo do desenvolvimento de novas pesquisas em Morfologia das línguas naturais, que é ainda carente no estado da Bahia, fazendo com que haja uma abertura para que alunos de graduação e pós-graduação reflitam sobre os fenômenos morfológicos, principalmente em relação aos demais níveis de análise linguística.

3 OS ESTUDOS CONTEMPLADOS NO IV CBM E NESTE VOLUME

Embora o panorama de estudos realizados no Brasil não tenha sido completamente representado no IV CBM, verificou-se uma amostra significativa desses trabalhos nas comunicações. Foram tratados os aspectos morfológicos em distintos modelos teóricos: Morfologia Construcional, Morfologia Histórica, Morfologia Distribuída, Fonologia Lexical, Morfologia Experimental, Linguística Computacional, Sociolinguística. Os trabalhos apresentados versaram sobre o português em sua variedade portuguesa e brasileira, o italiano, duas línguas indígenas, o latim e LIBRAS. Neste volume, constam apenas 10 trabalhos, a seguir resenhados, dentre os 20 efetivamente apresentados no evento.

O primeiro artigo deste volume propõe uma discussão teórica sobre os limites do estudo da morfologia no que diz respeito às faces do signo linguístico: *significante, significado e referência*. No artigo intitulado *Onde se encontra a Morfologia no signo linguístico?*, Mário Eduardo Viaro enfatiza que a principal preocupação dos estudos morfológicos deve se concentrar no significado e não

no significante, sem necessariamente realizar um trabalho equivalente à Semântica. Da mesma forma que realizar um estudo morfofonológico e morfossintático não excluem a fonologia e a sintaxe.

No artigo *A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil*, de acordo com os pressupostos da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010) e da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; GONÇALVES, 2016), Juliana Soledade apresenta um estudo acerca da interferência germânica na construção dos neologismos antropônimos na língua portuguesa em sua variedade brasileira, no que diz respeito à incorporação recorrente de elementos formativos desse étimo e à sua configuração morfológica essencialmente bitemática.

Ainda numa perspectiva da Morfologia Construcional de Booij (2010), Nival Almeida Simões Neto, no artigo *Os esquemas X-ari- em perspectiva histórica e construcionista: do latim clássico ao medieval*, aborda a trajetória das construções X-ari- da língua latina, comparando registros do latim clássico (I a.C. até II d.C.) e do latim medieval (V d.C. até XIV d.C.), e realiza um estudo descritivo-interpretativo focalizando a polissemia.

Na interface morfofonológica, Taíse Simioni e Luiz Carlos Schwindt, no artigo *O sufixo -inhol/-zinhv e as palavras paroxítonas terminadas em vogal em português brasileiro*, apresentam os resultados de um estudo a partir de experimentos com pseudopalavras. A proposta é verificar se as vogais finais são relevantes na seleção das formas alternantes e relacionar os resultados obtidos com a proposta de hierarquia de Schwindt (2011; 2018), para as relações entre gênero e classe temática em português.

Na interface com a sintaxe, Bruna Karla Pereira analisa as estruturas nominais do português do Brasil não padrão em que 'cada' é flexionado com o morfema de plural (-s). No artigo *Inflection of cada and number feature valuation in BP*, a autora considera que cardinais e *silent nouns* funcionam como uma fronteira dividindo o DP em dois domínios: sintagmas à sua esquerda seriam marcados com o morfema de plural; sintagmas à sua direita são não marcados.

Numa proposta não lexicalista, de acordo com os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), Maurício Sartori Resende, no artigo *A nominalização zero do português: revisitando a derivação regressiva à luz da Morfologia Distribuída*, realiza uma releitura do fenômeno tradicionalmente chamado de "derivação regressiva". No artigo, o autor discute: (i) a existência de um categorizador nulo nas nominalizações que se constituem de raiz e vogal temática, nominalizações zero; (ii) o fato de essas formações possuírem o mesmo comportamento sintático que as nominalizações com categorizador realizado; e (iii) uma tipologia para os nominais zero, seguindo Alexiadou & Grimshaw (2008), com base em suas propriedades estruturais e semânticas.

No artigo intitulado *Verbos depoentes no latim: relação entre marcas morfológicas e estrutura argumental*, Lydsson Agostinho Gonçalves e Paula Roberta

Gabbai Armelin, no âmbito da Morfologia Distribuída (HALLE E MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), investigam a formação dos verbos depoentes do latim, considerando aspectos sintáticos e morfológicos dessas construções.

Seguindo na interface morfologia e sintaxe, Dalila Maria de Souza e Paula Roberta Gabbai Armelin, no artigo intitulado *O processo de conversão morfológica: interação entre formação de palavras e de sentenças*, investigam o fenômeno de conversão morfológica, discutindo-o em uma perspectiva sintática.

Isis Juliana Figueiredo de Barros, no artigo *A queda de marcas morfológicas do dativo de terceira pessoa no português afro-brasileiro*, discute a perda do núcleo aplicativo no Português afrobrasileiro, expresso morfológicamente no Português Europeu pela preposição *dummy a* e clíticos dativos de terceira pessoa *lhe/lhes* (TORRES MORAES, 2007). Sua análise leva em consideração a aquisição do português como L2, por africanos, em contexto de multilinguismo ocorrido no período de colonização do Brasil.

Sobre as línguas indígenas, no artigo *A morfologia nas pesquisas sobre línguas indígenas no Brasil*, Aldir Santos de Paula apresenta as principais contribuições que as pesquisas realizadas no âmbito dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras têm apresentado na área da Morfologia.

4 PALAVRAS FINAIS

O objetivo deste texto introdutório foi apresentar um panorama não exaustivo das pesquisas morfológicas realizadas no Brasil a fim de verificar a sua representação no IV CBM. Tendo em vista os temas apresentados nas seções de comunicações e nas de pôsteres, consideramos que o IV CBM cumpriu a função de reunir pesquisadores de diferentes regiões brasileiras e que adotam diferentes abordagens teóricas, promovendo discussões e parcerias interessantes, fortalecendo a área também na Bahia.

Além disso, neste volume, buscamos reunir alguns dos trabalhos que compuseram a quarta edição do CBM. Acreditamos que a divulgação dos trabalhos nesta revista contribuirá significativamente para a difusão e a transferência do conhecimento que foram também compartilhadas durante o IV CBM.

É importante salientar, nestas palavras finais, que a próxima edição do evento, o V CBM, está prevista para ocorrer na UFPR, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva, e, assim como nas edições anteriores, esperamos que a quinta edição possa reunir amostras de pesquisas ainda mais diversificadas que no IV CBM, socializando os trabalhos nos diversos centros de pesquisa brasileiros. É importante também deixar registrados os nossos agradecimentos ao CNPq, pelo auxílio financeiro, aos editores da revista, professores José Amarante Santos Sobrinho e Domingos Sávio Pimentel Siqueira, pelo apoio durante a edição deste volume, e aos nossos colegas Danniell Carvalho

e João Paulo Cyrino, pela parceria e companheirismo no planejamento e na realização do evento. Finalmente agradecemos a todos os participantes do IV CBM.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, Geert. Compounding and derivation: evidence for construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Orgs) *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa, rev. linguíst.* (São José Rio Preto), 2014, vol. 58, n. 1, p. 165-193. ISSN 1981-5794.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.
- MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis et al. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, p. 201-225, 1997.
- MATTOSO CAMARA, Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G.; VAN MARLE, J. (eds.) *Yearbook of morphology*. Dordrecht, Kluwer, p. 79-153, 1993.
- NOBREGA, Vitor Augusto; MINUSSI, Rafael Dias. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos blends fonológicos. *Revista Letras*, v. 91, p. 158-177, 2015.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Malden, MA, e Oxford: Blackwell, 1993/2004.
- SCHER, A.P.; BASSANI, I.S.; ARMELIN, P.R.G. A ideia por trás do Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM) e os trabalhos do III CBM publicados neste volume. *D.E.L.T.A.* 34.2, 2018 (475-482).
- XAVIER, André Nogueira; NEVES, Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos da LIBRAS. In: *Revista Sinalizar*, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez. 2016.

NOTA DOS EDITORES DA ELL

O presente volume também recebe, em sua seção “Varia”, os artigos submetidos regularmente no fluxo editorial da revista.